

SISTEMA TEMPORO-ASPETUAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PORTUGUÊS EUROPEU E MANDARIM

TENSE-ASPECT SYSTEM: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN EUROPEAN PORTUGUESE AND MANDARIN CHINESE

Aoran Yang*
aoran02041109@gmail.com

Sendo os dois parâmetros distintos, o tempo e o aspeto podem ser codificados em diferentes formas entre línguas humanas, bem como as relações internas subjacentes a estas duas categorias. Este artigo apresenta uma análise descritiva dos sistemas temporo-aspetuais do Português Europeu (PE) e do Mandarim, tendo como objetivo detetar algumas diferenças e semelhanças entre as duas línguas a este respeito. O estudo demonstra que, apesar de existirem várias diferenças notáveis, ainda se destacam certas semelhanças entre o PE e o Mandarim relativamente a como se veiculam as informações temporais e aspetuais, especialmente no que se referem ao uso de adjuntos adverbiais e à expressão dos valores de perfeitividade e de imperfeitividade.

Palavras-chave: Tempo. Aspeto. Português Europeu. Mandarim.

As two distinct parameters, tense and aspect can be encoded in different forms between different human languages, as well as the underlying internal relations between these two categories. This article presents a descriptive analysis of the time-aspect systems in European Portuguese (EP) and Mandarin Chinese, aiming to detect some differences and similarities between two languages in this regard. The study shows that although exist several notable differences, there are still some similarities between the EP and Mandarin Chinese regarding to how temporal and aspectual information is conveyed, especially the use of adverbial adjuncts and the expression of perfectivity and imperfectivity aspect.

Keywords: Tense. Aspect. European Portuguese. Mandarin Chinese.

•

1. Introdução

Nas últimas décadas, o sistema temporo-aspetual tem sido um dos tópicos de intensa investigação quanto à análise semântica do sistema gramatical de qualquer língua humana. Quando Chomsky lança o Programa Minimalista nos anos 90, não apenas se defende que a Gramática Universal (GU) oferece um sistema fixo de princípios e um conjunto finito de parâmetros, mas também os parâmetros são considerados quase inteiramente limitados ao léxico e à ‘força’ ou ‘fraqueza’ de categorias funcionais. Neste

* Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal. / Faculdade de Línguas, Literaturas e Culturas Europeias, Beijing International Studies University (BISU), Pequim, China.
ORCID: 0000-0003-4412-9634

sentido, “(...) cross-linguistic variability is reduced to the specification of lexical items which are just considered to be bundles of morpho-phonological, semantic and syntactic features (...)” (Ayoun 2013, p. 51). A partir daí, a marcação do tempo e do aspeto consiste na (re)configuração ou na nova montagem das propriedades formais e/ou semânticas das línguas.

O conceito do tempo existe em todas as línguas humanas. O tempo linguístico funciona como um eixo linearmente ordenado em que se pode localizar uma situação (Oliveira 2003) e entre as diferentes situações localizadas no eixo, quer sejam num determinado ponto quer sejam num intervalo temporal, existem relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, dependendo do tempo de referência que adaptamos. Assim, conclui-se que o tempo geralmente é uma categoria relativa e externa.

Além das relações externas entre as situações localizadas temporalmente, aborda-se também o perfil interno temporal de cada situação, ou seja, discute-se se uma situação é representada como um ponto ou como um intervalo no eixo temporal, o que efetivamente reflete a forma como uma situação é perspectivada pelo locutor (Smith 1991). Este perfil interno temporal de uma situação lança uma base conceptual para a noção do aspeto, que se refere à gramaticalização de expressão de constituinte interno temporal (Comrie 1985). Assim, o aspeto é uma categoria não relativa e interna e a informação aspetual é veiculada através das duas categorias: (i) a situação representada a partir de uma perspectiva particular, aspeto gramatical (perfeito, imperfeito, progressivo, durativo, etc.); (ii) a situação indiretamente classificada como um estado ou um evento, aspeto lexical (Smith 1991).

O Português Europeu (PE) e o Mandarim são duas línguas que contêm diversas diferenças a nível fonológico, lexical, semântico e sintático. Tendo em consideração os sistemas temporo-aspetuais do PE e do Mandarim, afirma-se que existem distinções consideráveis no que diz respeito à marcação do tempo e do aspeto, bem como às relações internas entre estas duas categorias.

Perante tal, tendo como objetivo detetar e entender as tais diferenças e semelhanças subjacentes aos sistemas temporo-aspetuais do PE e do Mandarim, o presente estudo começa por uma análise descritiva dos sistemas temporo-aspetuais destas duas línguas e de seguida, procede-se a uma comparação dos dois sistemas temporo-aspetuais com base nas propriedades específicas que marcam a expressão do tempo e aspeto. No fim, fazem-se algumas observações finais.

2. Conceitos fundamentais: tempo e aspeto

O conceito do tempo desempenha um papel fundamental na cognição e ação humana. Nas línguas naturais, expressa-se, em geral, o tempo linguístico através de duas categorias diferentes: o tempo (verbal ou adverbial, por exemplo) e o aspeto (Ayoun & Salaberry 2008). As duas categorias influenciam-se mutuamente.

O tempo é uma categoria relativa e externa, que é concebido como um eixo linearmente ordenado, orientado desde o Passado até ao Futuro (Oliveira 2003; Ilaria, Oliveira & Basso 2016). A localização temporal depende sempre de um outro tempo que funciona como um ponto intermédio (O), a que chamamos tempo de referência

(Reichenbach 1947). Quando o tempo da enunciação (o momento em que o locutor produz a frase) coincide com o tempo de referência, forma a relação dêitica e assim, o eixo do tempo está dividido em três domínios, Passado, Presente e Futuro¹, onde pode ser feita a localização temporal da situação descrita pela frase (tempo da situação).

Uma situação pode estar no Passado quando o tempo da situação é anterior ao tempo da enunciação, ou no Futuro quando o tempo da situação se encontra posterior ao da enunciação, ou no Presente quando há uma coincidência (total ou parcial) entre os dois momentos, como, por exemplo, *o João vive no Porto/o João viveu no Porto* em Português e *j'ai lu un livre/je lirai un livre*² em Francês. Nesta linha de pensamento, verifica-se que existem três relações temporais possíveis entre o tempo de referência e o tempo da situação: anterioridade (A), posterioridade (P) e simultaneidade (S). A anterioridade refere-se a uma relação em que o tempo da situação precede o tempo de referência, a simultaneidade trata-se a uma relação em que o tempo da situação coincide, de forma total ou parcial, com o tempo de referência enquanto a posterioridade é uma relação em que o tempo da situação segue o tempo de referência, como se ilustra na Figura 1:

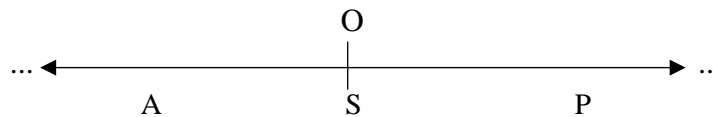


Figura 1. Representação do tempo linguístico (Rojo & Veiga 1999, p. 2874)

No entanto, não é necessariamente o tempo da enunciação ser o tempo de referência, uma vez que o tempo de referência “(...) no es estático, sino móvil (...) Se basa en el establecimiento de un punto cero, que coincide habitualmente, pero no de manera forzosa, con el momento de la enunciación (...)” (Rojo & Veiga 1999, pp. 1345–1346). Quando a localização temporal se baseia no discurso exterior anterior, ou, como defende Comrie (1985, p. 36), “(...) does not include as part of its meaning the present moment as deictic centre (...)”, forma, então, a relação anafórica. Por exemplo, na frase *perdi o autocarro hoje de manhã, porque tinha acordado muito tarde* tanto a situação *perder o autocarro* como a situação *acordar muito tarde* se localizam no Passado, isto é, são anteriores ao tempo da enunciação. Contudo, o emprego do pretérito mais-que-perfeito *tinha acordado* não é determinado pelo tempo da enunciação, mas sim pela ocorrência do pretérito perfeito simples (PPS) *perdi*, que serve como ponto de referência para a construção do pretérito mais-que-perfeito composto.

Como se pode observar, a localização temporal é, efetivamente, uma noção conceptual, que pode variar de língua para língua relativamente a dois assuntos: (i) o grau de precisão de localização temporal; (ii) a forma como se localizam situações (Comrie 1985). Na maioria das línguas naturais, a forma mais comum de marcar essa localização temporal é através do processo de gramaticalização. No entanto, também se destaca a outra forma de localizar temporalmente situações – lexicalização. De acordo com Klein

¹ Usa-se letra inicial maiúscula quando diz respeito ao valor temporal semântico independentemente do tempo verbal. Caso contrário, usa-se letra inicial minúscula se abordamos o nome dos tempos verbais.

² Em Francês, o futuro simples do indicativo (*indicatif futur simple*) pode ter valores modais também.

e Ping (2009), existem principalmente seis maneiras que se usam a codificar o tempo em línguas humanas:

- a) tempo verbal
- b) aspeto gramatical
- c) aspeto lexical
- d) adjuntos adverbiais
- e) marcadores aspetuais
- f) princípios pragmáticos

A partir daí, é preciso que se discuta a definição e propriedades do outro conceito, o aspeto. Em comparação com o tempo, o aspeto é uma categoria interna e não relativa, que representa diferentes formas como uma situação é perspectivada pelo locutor (Comrie 1976; Smith 1991). Quando se localizam as situações no eixo do tempo, além das três relações externas entre diferentes situações, observa-se também como é representada cada situação – como um determinado ponto ou como um intervalo nesse eixo. E a noção do aspeto baseia-se exatamente neste perfil interno temporal de uma situação descrita pela frase.

Geralmente, classifica-se o aspeto em dois tipos diferentes: aspeto gramatical e aspeto lexical. O aspeto gramatical relaciona-se com o perfil interno temporal de uma situação, independente de qualquer ponto externo de referência enquanto as informações aspetuais obtidas pelo aspeto lexical são veiculadas pela propriedade semântica inerente de alguns outros fatores, como verbos, complementos, presença ou ausência de determinantes, adjuntos adverbiais (temporais e espaciais), auxiliares e semiauxiliares e entre outros (Moens 1987).

Relativamente ao aspeto gramatical, a distinção mais comum desta categoria reside na diferença entre o aspeto perfeito e o aspeto imperfeito. O aspeto perfeito funciona como um ponto de vista externo, através do qual uma situação é perspectivada como um todo não analisado, que inclui o seu ponto inicial e final, ao passo que o aspeto imperfeito considera uma situação com não concluída sem abranger nem o seu ponto inicial nem o ponto final (Smith 1991). Por exemplo, realiza-se esta distinção aspetual nas frases como *ele estudou muito/ele estudava muito (antigamente)* em Português e *je suis revenu en autobus/je revenais (chaque jour) en autobus* em Francês.

No entanto, importa salientar aqui que se distingue, às vezes, o aspeto perfeito do aspeto perfeito. O aspeto perfeito refere a relevância duma situação localizada no Passado em relação ao Presente. De acordo com Comrie (1976 p. 12), “the perfect aspect refers to times later than the situation and places emphasis on the resultant phases (or states) of situations rather than on inceptive phases.” Por exemplo, veicula-se o aspeto perfeito na estrutura temporal *have + past participle* em Inglês.

Além do aspeto perfeito e imperfeito, o aspeto imperfeito ainda abrange vários diferentes valores aspetuais, tais como o aspeto iterativo, o habitual, o contínuo (durativo), o progressivo e entre outros, como a Figura 2 mostra (Comrie 1976). O aspeto iterativo se obtém quando “uma situação é repetida numa porção espaço-temporal delimitada, mas sendo o conjunto dessas repetições perspectivado como um evento único”

(Cunha 2013, p. 586), ao passo que a habitualidade é tipicamente veiculada quando um padrão de repetição é considerada como uma propriedade da entidade representada pelo sujeito gramatical. Aliás, o aspeto contínuo (durativo) normalmente pode ser dividido em dois tipos diferentes, o imperfetivo general (não-progressivo) e o progressivo. O imperfetivo geral focaliza-se em intervalos de todas as situações enquanto se aplica o progressivo às situações não estativas, concentrando-se no seu decurso (Smith 1991).

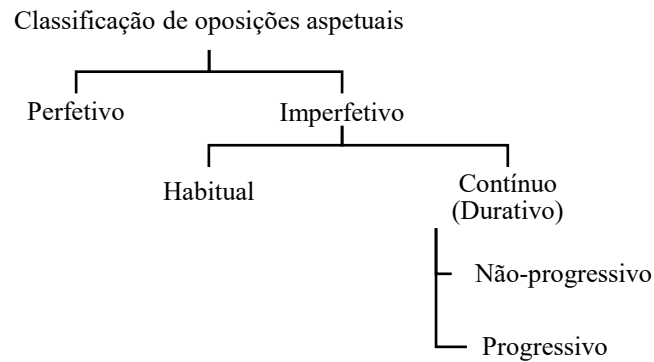


Figura 2. Classificação de oposições aspetuais (adaptado de Comrie 1976, p. 25)

Por seu turno, o aspeto lexical, denominado por alguns autores classes aspetuais, tipos de situações ou *Aktionsart*, consiste no significado lexical inerente dos predicados verbais (mas não só). A tentativa de distinguir as diferentes categorias do aspeto lexical até remonta a Aristóteles e hoje em dia, normalmente utilizam-se as 4 categorias do aspeto lexical de Vendler (1957): *state* (estado), *activity* (*processo* em Moens 1987), *accomplishment* (*processo culminado* em Moens 1987) e *achievement* (*culminação* em Moens 1987). Smith (1991) acrescenta, à proposta clássica da classificação de Vendler, mais uma categoria aspetual – semelfactivo ou ponto (Moens 1987). As propriedades que funcionam como critérios quanto à classificação do aspeto lexical incluem dinamicidade, duratividade, telicidade e homogeneidade propostas por diferentes autores e apresentadas para o Português em Oliveira (2003) e Cunha (2013), bem como para o Mandarim em Tai (1984), Smith (1991, 1994), como a Tabela 1 mostra:

Tabela 1. Propriedades semânticas das categorias do aspeto lexical

	Estados	Processos	Processos culminados	Culminações	Pontos
Dinamicidade	-	+	+	+	+
Homogeneidade	+	+	-	-	-
Duratividade	+	+	+	-	-
Telicidade	-	-	+	+	(-)

Fonte: elaborado com base em Oliveira (2003, p. 137)

A dinamicidade associa-se com as mudanças internas de uma situação. As situações caracterizadas pela dinamicidade têm as suas fases intrínsecas que progridem temporalmente, o que altera o estado de coisas em que participam e deixa as alterações visíveis e detetáveis. No entanto, a estrutura interna de uma situação não dinâmica, ou

seja, um estado, é inteiramente uniforme. Por seu turno, a homogeneidade refere-se à relação existente entre as subpartes que constituem uma situação global. Por exemplo, assume-se um processo como situação homogénea, uma vez que uma frase como *a Maria trabalhou durante duas horas* pode implicar a verdade das subpartes desta situação como *a Maria trabalhou durante uma hora*. A duratividade diz respeito a uma situação que se pode prolongar num determinado intervalo de tempo, como estados, processos e processos culminados. Aliás, os processos culminados e culminações também são considerados como situações télicas, o que significa que numa situação existe o seu próprio limite ou a sua fronteira final, independentemente da quantidade de tempo que se leva, ao passo que uma situação atélica somente termina quando se lhe impõe arbitrariamente um limite temporal (Cunha 2013).

Isto, de facto, demonstra que existe possibilidade de transição entre diferentes categorias do aspeto lexical por causa de alguns elementos linguísticos como tempos verbais, expressões adverbiais, que contribuem para a alteração aspetual. Moens (1987) afirma que a possibilidade destas alterações se deve a uma estrutura comum partilhada por todas as classes aspetuais, que é designada por Núcleo Aspetual, como se ilustra na Figura 3:

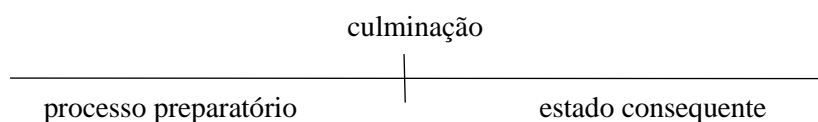


Figura 3. Núcleo Aspetual (Oliveira 2003, p.138)

Como se pode observar na figura, o Núcleo Aspetual é composto por três fases no total: processo preparatório, culminação e estado consequente. Neste sentido, a realização das transformações aspetuais, de facto, refere-se à adição ou à omissão de fases do Núcleo Aspetual à base das fases focadas por cada classe aspetual.

3. Sistema temporo-aspetual do PE

No caso do Português, existem principalmente três processos específicos relativamente à expressão temporal (Oliveira 2013): tempos verbais, adjuntos adverbiais e verbos auxiliares (e semiauxiliares). Para descrever as características do sistema temporo-aspetual do PE, são tratadas as seguintes questões nesta seção:

- a) classificação do aspeto lexical em PE
- b) perfeitividade, imperfetividade, habitualidade e iteratividade
- c) formas de Passado, de Presente e de Futuro
- d) o Progressivo

Importa salientar outra vez que o tempo e o aspecto são duas categorias linguísticas que se influenciam mutuamente. Nesta linha de pensamento, a análise do sistema temporo-aspetual seria completamente impossível se se discutisse apenas uma categoria sem ter em consideração a outra.

3.1. Classificação do aspeto lexical em PE

Quanto à classificação do aspeto lexical em PE, uma primeira distinção a fazer é entre eventos e estados³, distinguindo-se entre si por serem dinâmicos. Neste caso, usa-se normalmente o imperativo como um dos testes a fim de distinguir os estados dos eventos, visto que não é, em geral, aceitável aplicar o imperativo a estados⁴:

- (1) a. João, trabalha! [evento]
 b. * João, gosta de trabalhar!⁵ [estado]

Dentro dos eventos, distinguem-se os processos dos processos culminados e culminações por serem atélcos e durativos ao mesmo tempo, o que lhes permite ocorrer com adjuntos adverbiais de duração iniciados por *durante*, estabelecendo os limites temporais para o seu decurso. Aliás, as culminações e os pontos não têm a propriedade de duratividade e portanto, os processos culminados podem ocorrer com adjuntos adverbiais de duração iniciados por *em X tempo* enquanto as culminações e os pontos admitem ocorrer com o adjunto adverbial *a X tempo*:

- (2) a. O João fumou durante a noite inteira. [processo]
 b. A Inês comeu uma francesinha em meia hora. [processo culminado]
 c. O Daniel chegou à Faculdade de Letras às duas da tarde. [culminação]

Relativamente à distinção entre culminações e pontos, os pontos não têm estado consequente e quando ocorrem na construção progressiva, obtém-se a leitura iterativa. Por exemplo, a interpretação da frase *o João está a espirrar* é entendida como a situação de espirrar acontecer muitas vezes. Contudo, na construção progressiva as culminações perdem a culminação e-lhes acrescentado um processo preparatório tal como se pode ver no Núcleo Aspetual (Oliveira 2003; Cunha 2013).

Aliás, a natureza semântica dos complementos também pode provocar alterações aspetuais, como ausência/presença de determinação e oposição singular/plural (Moens 1987; Cunha 2013; Oliveira 2003). Vejam-se os exemplos 3a,b:

- (3) a. O João fumou cigarros (durante duas horas). [processo]
 b. O João fumou um cigarro (em cinco minutos). [processo culminado]

³ De acordo com a proposta de Cunha (2004), os estados lexicais podem dividir-se em duas categorias diferentes: os estados faseáveis e os não faseáveis. Os primeiros ocorrem com construções progressivas (*estar a +inf.*) enquanto os segundos não. Por exemplo:

i. A Maria está a ser simpática. [estado faseável]
 ii. * A Maria está a ser alta. [estado não faseável]

⁴ Os testes para distinguir estados de eventos são em geral o imperativo e o progressivo. No entanto, os estados faseáveis podem ocorrer em ambos os casos: *Maria, sê simpática com os convidados!* / *A Maria está a ser simpática com os convidados.*

⁵ Usa-se * antes de frases ou expressões gramaticalmente não aceitáveis.

Verifica-se que há uma diferença entre 3a e 3b, que advém de *cigarros* ser um mero plural e *um cigarro* ser singular precedido por um artigo indefinido *um*. O exemplo 3a não apresenta delimitação por causa do mero plural e o argumento, neste caso, articula-se preferencialmente com um predicado atélico. No entanto, em 3b, como se pode observar através do adjunto adverbial *em cinco minutos*, a expressão do objeto direto *um cigarro* delimita o evento, causando uma alteração aspetual de um processo num processo culminado.

3.2. Perfetividade, imperfetividade, habitualidade e iteratividade

Além da natureza semântica dos complementos, considera-se, nesta subsecção, o segundo fator linguístico que influencia o aspeto, tempos verbais.

Como já referimos antes, o aspeto de perfetividade permite-nos a considerar uma situação, a partir do exterior, como um todo completo que abrange todas as suas porções constitutivas e o aspeto de imperfetividade perspectiva situações no seu decurso a partir do seu interior sem veicular qualquer informação nem sobre o seu início nem sobre o término. Nas línguas românticas, a oposição perfetividade/imperfetividade, como indica Squartini (1995, p.118–119), “(...) is restricted to past time reference. With present and future time reference the distinction is neutralized, namely the same form can be used both in perfective and imperfective contexts (...)”. Em Português, os tempos verbais que tipicamente expressam a perfetividade referem-se ao PPS e ao pretérito mais-que-perfeito (simples e composto), ao passo que a forma do passado que veicula a imperfetividade é tipicamente o pretérito imperfeito (PI).

O PPS marca a construção de uma situação perspectivado como uma totalidade, atribuindo uma fronteira terminal à situação e localizando-a afastada do Presente (Costa Campos & Xavier 1991; Cunha 2013; Oliveira 2013). Vejam-se os exemplos 4a – e:

- (4) a. A Maria esteve muito feliz. [estado]
b. A Maria cantou alto. [processo]
c. A Maria escreveu uma carta. [processo culminado]
d. A Maria convidou o João a almoçar. [culminações]
e. A Maria bateu à porta. [ponto]

Como as frases exemplares nos mostram, o PPS veicula o valor perfetivo e pode ocorrer, independentemente, com todas as situações diferentes sem alterar qualquer informação aspetual veiculada pelo predicado. No entanto, quando o PPS se combina com as situações que envolvem culminação, como 4c e 4d, a fronteira terminal é estabelecida pela própria constituição aspetual interna dessas situações que abrange, de forma obrigatória, um estado consequente (*a carta está escrita* em 4c, por exemplo). Nos outros exemplos, há uma informação de terminado, mas não parece existir um estado consequente, o que se pode inferir que, por exemplo, em 4b, a Maria já não estava a cantar ou deixou de cantar.

No entanto, segundo Costa Campos e Xavier (1991), o PPS também pode apresentar o valor perfeito e a possibilidade ou impossibilidade de coocorrência com o

advérbio *já* parece ser um teste válido para verificarmos qual é o valor que o PPS veicula (perfetivo ou perfeito).⁶ O advérbio *já* não pode ocorrer com o PPS que tem valor perfetivo, na medida que a situação no tempo da enunciação é qualitativamente diferente da situação no início do intervalo representado pelo advérbio *já*.

Tal como o PPS, o pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) também preserva as propriedades aspetuais das situações a que se aplicam, mas localiza uma situação no Passado relativamente a outra situação passada, o que significa que este tempo verbal não toma o tempo da enunciação como tempo de referência.

O PI, no entanto, normalmente causa alteração aspetual, especialmente quando se aplica às situações télicas (Oliveira 2003). Vejam-se os exemplos 5 – 9:

- (5) a. * A Maria estava muito feliz.
b. A Maria estava muito feliz ontem/quando o Pedro entrou.
- (6) a. * A Maria cantava alto.
b. A Maria cantava alto naquela altura/quando o Pedro entrou.
- (7) a. * A Maria escrevia uma carta.
b. A Maria escrevia uma carta naquele momento/quando o Pedro entrou.
- (8) a. * A Maria convidava o João a almoçar.
b. A Maria convidava o João a almoçar todos os dias/quando o Pedro entrou.
- (9) a. * A Maria batia à porta.
b. A Maria batia à porta muitas vezes/quando o Pedro entrou.

Cada um dos exemplos, de facto, contempla um tipo diferente de situação e como as versões a. dos exemplos nos indicam, o PI é, tipicamente, um tempo anafórico, que normalmente ocorre com outro enquadramento construído por adjuntos adverbiais de localização temporal (ontem, naquela altura, naquele momento), adjuntos adverbiais de frequência e de quantificação (todos os dias, muitas vezes) ou frases temporais (quando o Pedro entrou). Aliás, verifica-se que o PI tende a transformar eventos em estados. Isto significa que, por um lado, o PI não causa alteração aspetual quando se combina com uma situação que não inclui culminação, como em 5a e 6a, por outro lado, pode transformar eventos télicos em os atélicos, como em 7b e 8b, à medida que o PI perspetiva os eventos somente no seu decurso ou progressão. Nesta linha de pensamento, permite-nos combinar o PI com o PPS (neste caso, o predicado geralmente denota uma situação que tem culminação, como o Pedro entrou), estabelecendo, então, a inclusão temporal⁷. Assim,

⁶ Em relação a este assunto, o Francês e o PE parecem apresentar alguns paralelismos: o *passé simple* francês corresponde ao valor não-perfeito do PPS do PE por também não poder ocorrer com o advérbio *déjà* enquanto o *passé composé* pode ter duas interpretações, tal como o PPS do PE (Costa Campos & Xavier, 1991; Apothéoz & Nowakowska, 2010).

⁷ De acordo com Oliveira e Silva (2019), existem algumas restrições na combinação dos dois tempos verbais numa frase temporal com *quando*, sobretudo nas duas frases em que ocorrem estados e o PI se combina com predicados de indivíduo. Vejam-se os exemplos:

conclui-se que, quando se combina com predicados eventivos, o PI “(...) introduz uma leitura em que se descreve uma repetição regular (...)” (Oliveira 2013, p. 521), como 8b a Maria convidava o João a almoçar todos os dias e até há possibilidade de obter uma leitura de habitualidade. Vejam-se os exemplos 10a,b:

- (10) a. Quando o João convidava a Rita a almoçar em casa, os pais dele ficavam zangados.
b. Eu não fumava, mas agora fumo.

Com se pode ver em 10a, articula-se a leitura habitual quando o PI ocorre em ambas as frases temporais. Em 10b, o PI parece ser o presente do passado, o que implica que o PI e o presente do indicativo partilham em comum o mesmo valor aspetual: a interpretação da leitura habitual.

Relativamente ao pretérito perfeito composto, este tempo verbal, apesar da sua denominação, é um tempo que expressa imperfetividade sem qualquer limite final definido.⁸ Do ponto de vista temporal, marca uma situação começada no passado que continua pelo menos até ao presente. No entanto, do ponto de vista aspetual, indica a repetição de uma situação quando se combina com eventos 11a ou a continuidade duma situação quando se combina com estados 11b (Costa Campos & Xavier 1991; Oliveira 2013):

- (11) a. A Maria tem estudado muito francês desde que vemos juntos um filme francês.
b. Ultimamente, a Maria tem estado doente.

Com predicados que denotam eventos como 11a, o pretérito perfeito composto também introduz uma leitura de iteratividade ou mesmo de habitualidade (Cunha 2013), representando uma situação que se repetem durante um certo intervalo de tempo e que se pode prolongar para além do tempo da enunciação. Contudo, quando se combina com estados como 11b⁹, perde-se este efeito de iteratividade e mantém-se apenas a informação temporal (Oliveira 2003).

3.3. Formas de Passado, de Presente e de Futuro

Os tempos verbais constituem um processo mais comum na localização tempo em PE. Morfologicamente, os tempos verbais do indicativo¹⁰ em PE podem ser classificados em *tempos simples* (o presente, o PPS, o PI, o pretérito mais-que-perfeito simples, o futuro e o condicional/futuro do passado) e *tempos compostos* (pretérito perfeito composto,

i. * A Rita era simpática quando esteve bem-disposta.

ii. * A Rita era de Lisboa quando esteve bem-disposta.

⁸ No entanto, o pretérito perfeito composto do conjuntivo é aspetualmente perfetivo, bem como nas outras línguas românicas.

⁹ O pretérito perfeito composto não pode ocorrer com predicados que denotam estados estáveis.

¹⁰ Se consideramos modos diferentes em PE, o modo do conjuntivo “should be pointed out as it has three different tenses used in many constructions leading to different interpretations” (Oliveira & Lopes 1995, p.114).

pretérito mais-que-perfeito composto, futuro composto e condicional composto). No entanto, a maioria dos tempos verbais, quer simples quer compostos, não se limite a articular informações temporais e aspetuais que as suas próprias formas podem veicular e até em certos contextos têm valores modais. Neste subsecção, discutem-se alguns casos relevantes, começando pelas formas de passado e passando depois às formas de presente e de futuro.

Quanto às formas de Passado, existem o PPS, o PI, o pretérito mais-que-perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito composto. Os quatro tempos gramaticais todos podem localizar uma situação no Passado, mas divergem-se nos seguintes pontos: o PPS normalmente localiza temporalmente uma situação num momento anterior ao da enunciação, impondo uma fronteira terminal às situações que perspectiva (Cunha 2013), o que nos permite estabelecer uma sequencialização dos eventos realizados, como na frase temporal *quando o João bebeu um jarro de sangria, ficou bêbedo*; o PI, como um tempo tipicamente anafórico, ocorre sempre com um tempo de referência e constrói uma sobreposição parcial (ou total) com um tempo de Passado, uma relação de inclusão temporal ou uma leitura habitual do Passado; o pretérito mais-que-perfeito (simples e composto¹¹), tal como o PPS, apresenta uma situação concluída mas relativamente a um outro tempo de referência também passado em vez do tempo da enunciação. No entanto, o PI, em comparação com as outras formas de Passado, pode não apresentar nenhum valor temporal do Passado, mas sim veicula informação modal, como *eu queria um café agora, por favor*.

No que diz respeito às formas de Presente, o presente do indicativo em PE pode não só exprimir um tempo semântico do Presente, mas também do Futuro e do Passado. Quanto ao tempo do Presente, o presente do indicativo, na maioria dos casos, não é usado para descrever situações que estão a decorrer em simultâneo com o tempo da enunciação. Quando ocorre com estados, “tem uma leitura preferencial puramente temporal de presente” (Cunha 2013, p. 608), ao passo que articula uma leitura habitual se o presente se combina com eventos. Neste caso, quando se aplica o presente a um predicado que denota uma situação com culminação, é precisa, normalmente, a ocorrência de adjuntos adverbiais de frequência temporal, como *o Daniel publica um artigo todos os anos* (Oliveira 2013). Contudo, quando se usa este tempo verbal a exprimir um tempo Futuro, é preferível um predicado eventivo ocorrer com um adjunto adverbial adequado, como *a Maria defende a sua tese amanhã de manhã*, ou recorremos ao futuro perifrástico, como *a faculdade vai organizar um colóquio de linguística (amanhã de manhã)*. O presente do indicativo é ainda usado como uma projeção do Passado no Presente, “(...) sendo de uso bastante comum em determinados tipos de narrativa histórica ou em textos em que se reportam situações de alguma forma notória” (Oliveira 2013, p. 517).

Importa salientar que o pretérito perfeito composto, apesar de ser composto pelo verbo auxiliar *ter* no presente do indicativo e pelo particípio do verbo pleno da perífrase verbal, não veicula valor temporal nem do Passado nem do Presente. Como foi referido atrás, este tempo indica a repetição de uma situação quando se combina com eventos ou

¹¹ Relativamente à distinção entre a forma simples e a composta do pretérito mais-que-perfeito, usa-se com mais frequência a forma simples em textos escritos e a forma composta na língua falada (Oliveira 2013).

a continuidade numa situação no caso de se combinar com estados. No entanto, a leitura de iteratividade perde-se se o ponto de referência não é o momento da enunciação e portanto, também não existe continuidade para além desse ponto, como a frase *quando eu chegar a casa, já a minha mãe tem feito o jantar* (Oliveira 2003).

Em relação às formas de Futuro, tanto o futuro do indicativo como o futuro composto podem localizar as situações num tempo posterior ao da enunciação. Uma das diferenças entre os dois tempos verbais é o facto de que o futuro composto realça o estado concluído de uma situação localizada posterior à enunciação mas anterior a outro tempo de referência, como, por exemplo, *quando chegarmos ao cinema, o filme terá começado*.

No entanto, em PE usa-se frequentemente outras construções a referir um tempo semântico do Futuro, como o presente do indicativo, a construção perifrástica *ir + infinitivo* e a perífrase auxiliar *haver de*. E em muitas circunstâncias, o futuro do indicativo e o futuro composto apresentam, de facto, uma leitura de natureza modal. Por exemplo, o futuro do indicativo pode exprimir dúvida ou incerteza sobre situações localizadas no Presente ou no Futuro, como a frase *o João terá 20 anos neste ano*, ou pode veicular um valor modal deôntico de obrigação na expressão de regras, leis ou recomendações, como *não deitarás o lixo fora* (Oliveira 2013). No caso do futuro composto, este tempo verbal não tem um valor temporal de Futuro, mas sim uma leitura modal de incerteza, caso o seu tempo de referência seja anterior à enunciação ou coincide com o momento da enunciação, como *o Daniel e a Inês terão chegado a Macau ontem/ a Rita terá começado a trabalhar neste momento*.

Tal como o futuro do indicativo e o futuro composto, o condicional e o condicional composto também apresentam informação temporal e modal. O condicional pode localizar as situações anteriormente ao tempo da enunciação mas posteriormente ao tempo de uma outra situação passada e exprime o valor modal nos dois contextos: quando ocorre com verbos de tipo durativo e o tempo de referência é passado, tem um valor modal de incerteza como *eu teria notas altas no último semestre*; quando ocorre na oração consequente das construções condicionais com o verbo no imperfeito do conjunção, pode ter uma leitura irreal, como *se eu fosse tu, não perderia esta oportunidade* (Oliveira 2013). Por seu turno, o condicional composto pode substituir o pretérito mais-que-perfeito em certos casos, veiculando a informação temporal de passado relativamente a um outro tempo de referência passado. No entanto, a interpretação modal ou contrafactual é sempre preferível, como a frase *se eu não tivesse feito o curso em linguística, teria estudado matemática*.

3.4. O Progressivo

O terceiro fator que influencia a expressão do valor aspetual em PE constitui operadores aspetuais, que incluem formas perifrásticas construídas com verbos de operação aspetual, tais como *estar a, andar a, começar a, acabar de, parar de + infinitivo* (Oliveira 2003). Nesta subsecção, aborda-se um operador aspetual mais debatido em PE: a forma de *estar a + infinitivo*, a que chamamos também o Progressivo.

Como já foi referido atrás, os eventos no presente do indicativo têm, preferencialmente, uma interpretação habitual e os estados, neste contexto, têm o valor

puramente temporal de presente. Em PE, o tempo coincidente com o momento da enunciação é dado tipicamente quando o Progressivo ocorre no presente do indicativo, na medida que a função do Progressivo, como defende Cunha (2013), é a de “(...) perspetivar a fase intermédia de uma situação, focalizando-a na sua progressão ou decurso” (Cunha 2013, p. 608). Vejam-se os exemplos 12a – f:

- (12) a. * O André está a ser alto. [estado não faseável]
 b. O André está a gostar do Porto. [estado faseável]
 c. O André está a nadar comigo na piscina. [processo]
 d. O André está a tomar um banho. [processo culminado]
 e. O André está a chegar. [culminação]
 f. O André está a espirrar. [ponto]

Como as frases nos indicam, pode-se aplicar o Progressivo a todas as diferentes classes aspetuais, à exceção dos estados não faseáveis 12a e em certos casos, as propriedades de imperfetividade desta construção causam uma alteração aspetual. Por exemplo, em (12b) não existe qualquer alteração aspetual e o processo articula uma informação temporal estreitamente de Presente. No entanto, em 12d e 12c, verifica-se que quando o Progressivo se combina com processos culminados e culminações, os eventos perdem a culminação, concentrando-se apenas no seu processo preparatório e relativamente a pontos, há leitura iterativa como em 12f.

Aliás, o Progressivo apresenta diferentes propriedades com o verbo auxiliar *estar* no PPS ou no PI. Vejam-se os exemplos 13a – f:

- (13) a. A Maria cantava/lia o livro/chegava/espirrava quando eu entrei.
 b. A Maria estava a cantar/ler o livro/chegar/espirrar quando eu entrei.
 c. A Maria estava a ler o livro às 9 de manhã.
 d. *A Maria estava a ler o livro durante 2 horas.
 e. A Maria esteve a ler o livro durante 2 horas.
 f. *A Maria esteve a ler o livro às 9 de manhã.

Como se pode observar em 13a e 13b, o Progressivo apresenta algumas características que podem ser consideradas como estruturas estativas (Oliveira 2003), o que faz com que as situações se comportem como estados. Neste sentido, com verbo *estar* no PI, 13b parece ser mais natural do que 13a por estabelecer, de forma mais clara, um enquadramento em que se pode encaixar facilmente mais um tempo passado veiculado por um adjunto temporal. Aliás, tendo em consideração o valor aspetual de imperfetividade, Raposo (2013) indica que o intervalo temporal da situação descrita “(...) tem de incluir o momento expresso pelo adjunto adverbial” (Raposo 2013, p. 1268) se se aplica o Progressivo ao PI, como se pode verificar em 13c e 13d. No entanto, quando o verbo auxiliar está no PPS, pode ocorrer com um adjunto adverbial que expressa a duração total da situação como 13e, uma vez que o PPS põe a fronteira final a essa situação.

4. Sistema temporo-aspetual do Mandarim

Nesta seção, procede-se a uma análise descritiva sobre algumas características do sistema temporo-aspetual do Mandarim, que se focaliza nas seguintes questões:

- a) expressão do tempo em Mandarim
- b) marcadores aspetuais
- c) classificação do aspecto lexical em Mandarim

4.1. Expressão do tempo em Mandarim

Geralmente, a relação dêitica desempenha o papel fundamental na interpretação temporal no Mandarim (Erbaugh & Smith 2005): as situações descritas pelas frases normalmente são localizadas relativamente ao tempo da enunciação. No entanto, em comparação com o PE, o Mandarim não tem uma forma gramaticalizada da expressão do tempo e realiza-se a relação dêitica, na maioria dos casos, através da informação contextual ou das formas lexicais como adjuntos adverbiais a ajudar efetuar inferências sobre o tempo da situação (Liu 2015 *apud* Chao 1968; Li & Thompson 1981; Sun 2006). Neste sentido, considera-se que a informação temporal em Mandarim se articula através dos dois elementos: (i) significado semântico veiculado por formas adverbial, lexical e aspetual; (ii) princípios pragmáticos (Erbaugh & Smith 2005).

Relativamente ao significado semântico de formas adverbial, lexical e aspetual na expressão do tempo linguístico, abordam-se, em primeiro lugar, adjuntos adverbiais. O Mandarim tem vários diferentes tipos de advérbios pelos quais se pode expressar a noção do tempo linguístico. Vejam-se os exemplos 14a – e:

(14) a.

ta mingtian huilai/wo Nashihou chouyan.
 ele amanhã the person naquele tempo fumar.
 ‘ele vai voltar amanhã/eu fumava naquele tempo’

b.

women yijing likai-le.
 nós já embora-*le*
 ‘nós já fomos embora.’

c.

wo changchang/meitian henwan daoja.
 eu frequentemente/todos os dias muito tarde chegar a casa
 ‘eu chego(chegava) a casa muito tarde frequentemente/todos os dias.’

d.

dang wo dao de shihou, ta yijing shuile.
 quando eu chegar (prep.) tempo ele já dormir-*le*
 ‘quando eu cheguei, ele tinha adormecido.’

e.

wo mei he pijiu / wo bu He pijiu.
 eu não beber cerveja / eu não beber cerveja
 ‘eu não bebi cerveja/eu não bebo cerveja.’

Como as frases nos apresentam, em 14a as expressões adverbiais como *amanhã* e *naquele tempo* servem como a informação lexical que nos permite localizar a situação *voltar* e *fumar* no Futuro e no Passado respetivamente. Em 14b, verifica-se que os advérbios, como *yijing*, ‘já’, e *gangcai*, ‘agora mesmo’, contribuem para a localização temporal anterior ao tempo da enunciação e quando se combinam como o marcador perfeito *le*, realça a terminação da situação descrita pela frase. Em 14c, os adverbiais de frequência *frequentemente* e *todos os dias* são relevantes para interpretar a informação aspetual e também contribuem para construir a localização temporal. A frase temporal em 14d estabelece um contexto do Passado, o que se baseia no advérbio *dang*, ‘quando’. Os advérbios como *dang*, ‘quando’, *hou*, ‘depois’, e *qian*, ‘antes’, de facto, “(...) serve as temporal anchor locating events and states expressed in the clauses that follow” e até “their scope often extends beyond the clause in which they appear” (Erbaugh & Smith 2005, p. 26). Em 14e, os advérbios de negação também contribuem para a realização da localização temporal, como *mei* e *bu*. Contrariamente a *bu*, uma frase negativa formada com o advérbio *mei* particularmente refere-se a uma situação do Passado.

Em Mandarim, a informação lexical relevante para a localização temporal também pode ser RVC (“resultative verb complements”), verbos projetados ao Futuro e verbos modais. Vejam-se os exemplos 15a – d:

(15) a.

ta zuowanle gongzuo.
 ele fazer-acabar-*le* Trabalho
 ‘ele acabou de fazer o trabalho.’

b.

wo dapole Huaping
 eu bater-partir-*le* Vaso
 ‘eu parti o vaso.’

c.

wo jihua Xiazhou qu dujia.
 eu planear próxima semana ir passar as férias
 ‘eu planeio/estou a planear ir de férias para a semana.’

d.

ta yao dasao gongyu.
 ele querer/precisar limpar apartamento
 ‘ele quer/precisa limpar o apartamento.’

Os RVC são os verbos que seguem os predicados eventivos e que lhes aplicam um significado lexical e valor aspetual. Em 15a e 15b, os RVC como *-wan*, ‘acabar’ e *-po*, ‘partir’, denotam uma situação concluída¹² (em vez de uma situação terminada) que inclui a sua culminação e até alguns RVC como *-po*, ‘partir’, realçam o estado resultativo de um evento (o vaso está partido). Aliás, os verbos projetados ao Futuro¹³, como *jihua*, ‘planear’, em 15c, podem veicular a informação temporal, na medida que a interpretação preferencial do complemento selecionado por este tipo de verbo é futuro e não acabado. Mesmo num contexto do Passado estabelecido por adjuntos adverbiais ou frases temporais, pode localizar a situação anteriormente ao tempo da enunciação mas ainda posteriormente ao tempo de outra situação descrita pelo verbo projetado ao Futuro. Tal como os verbos projetados ao Futuro, os verbos modais¹⁴ também indicam o tempo de Futuro e influenciam a interpretação temporal, localizando a situação descrita pela frase completiva no Futuro.

A informação aspetual contribui essencialmente para a interpretação temporal. Por um lado, o aspeto gramatical é veiculado pelos diferentes marcadores aspetuais, (marcador perfeitivo *le*, marcador experimental *guo*, marcador progressivo *zhe* e marcador durativo *zhe*) e pelo aspeto neutro (não existe qualquer marcação aspetual); por outro lado, além dos valores aspetuais, os marcadores aspetuais e o aspeto neutro também podem codificar a relação entre o tempo de referência e o tempo da situação¹⁵, como Erbaugh e Smith (2005) propõem:

We summarize (...) the aspectual and temporal information conveyed by the four overt morphemes, and the zero aspectual morpheme (...):
le: bounded event, if telic not necessarily completed, included with SitT; at RT.
-guo: bounded prior situation; included within SitT; before RT.
zai: unbounded event in progress; surrounding SitT; at RT.
-zhe: unbounded situation; surrounding SitT; at RT.
 \emptyset zero: event – initial endpoint and internal stage;
 states – internal stage; partially included within SitT; at RT. (2005, pp.17)

Nesta linha de pensamento, tendo em consideração os marcadores aspetuais e o aspeto neutro que ocorrem numa frase, pode-se inferir se uma situação inclui limites temporais ou não e como a situação é localizada relativamente ao tempo da referência.

Além disso, o aspeto lexical pode também veicular a informação relacionada com a localização temporal. Como defendem Erbaugh e Smith (2005, p. 20), “(...) verb constellations that express telic and/or instantaneous events are taken as bounded; state verb constellations are taken as unbounded; activity events (run, cook) are unbounded.” No entanto, algumas informações temporais explícitas, tal como a presença dos

¹² *Vd.* a este respeito na seção 4.3. sobre a classificação do aspeto lexical em Mandarim.

¹³ Em Mandarim, os verbos deste género incluem verbos como *baozheng*, ‘garantir’, *jihua*, ‘planear’, *zhunbei*, ‘preparar’, *jueding*, ‘decidir’, *yuji*, ‘prever’, *zuzhi*, ‘prevenir’, entre outros.

¹⁴ Os verbos modais abrangem verbos como *hui*, ‘poder’, *yao*, ‘querer/precisar’, *jiang*, ‘querer/desejar’, *yinggai*, ‘dever’, entre outros. Relativamente à diferença entre estes verbos, *vd.* Erbaugh & Smith (2005).

¹⁵ Contudo, os marcadores aspetuais não podem indicar a relação entre o tempo de referência e o tempo da enunciação, o que é geralmente inferida a partir do contexto (Erbaugh & Smith 2005).

marcadores aspetuais, podem alterar a interpretação temporal que as classes aspetuais apresentam preferencialmente. Do ponto de vista da Gramática Universal, “(...) in an isolated monoclausal sentence in which there are no adjuncts or aspectual references, the grammatical aspect assigned will automatically match the perfectivity (or imperfectivity) of the Inner Aspect Phrase¹⁶” (Schell 2000, p. 35) e na ausência do uso de fatores contextuais, os investigadores minimalistas afirmam que “(...) the information instantiated in Inner AspP (i.e., lexical aspectual values) will be transferred to the hierarchically higher level of Outer AspP (i.e., grammatical aspect)” (Salaberry 2005, p. 186). Isso, de facto, conduz-nos a propor um dos princípios pragmáticos, a que chamamos “the Temporal Schema Principle” (Erbaugh & Smith 2000; Yang 2002). De acordo com o princípio, numa frase em que não ocorre qualquer marcação aspetual (marcadores aspetuais, no caso do Mandarim), a interpretação temporal baseia-se na estrutura interna temporal de cada situação, exceto quando existe informação explícita ou contextual contrária.

Na relação dêitica, a interpretação temporal das diferentes classes aspetuais, de facto, é em conformidade com outro princípio pragmático essencial, “the Bounded Event Constraint” (Lyons 1977; Giorgi & Pianesi 1977; Smith 2003, para o Mandarim). Como se pode observar, a questão de uma situação incluir limites temporais ou não depende efetivamente tanto da sua própria estrutura interna temporal como do aspeto gramatical. As situações com limites são temporalmente fechadas enquanto as sem limites são temporalmente abertas, focalizando-se somente na sua progressão ou decurso. Segundo o princípio “the Bounded Event Constraint”, localizam-se as situações sem limites temporais no Presente, uma vez que os limites temporais “would go beyond that perspective” (Erbaugh & Smith 2005, p. 4). Neste sentido, as situações localizadas temporalmente no Presente não têm limites temporais.

Relativamente às situações com limites temporais, a sua localização é preferencialmente no Passado, respeitando o princípio pragmático “the Simplicity Principle of Interpretation” (Grice 1975; Levinson 1983; Erbaugh & Smith 2005 para o Mandarim). Segundo este princípio, escolhe-se a interpretação mais simples quando as informações não podem determinar completamente uma interpretação. Mesmo o Passado e o Futuro estando localizados simetricamente em relação ao tempo da enunciação, normalmente considera-se mais simples o Passado do que o Futuro, visto que o Futuro, além de informações temporais, pode veicular também o valor modal de incerteza. Assim, as situações que denotam limites temporais tendem a estar localizadas no Passado, a menos que exista indicação explícita do Futuro.

Sintetizando, a informação temporal em Mandarim pode ser veiculada através das diferentes formas lexicais ou do contexto, mas a marcação formal e explícita do tempo linguístico não é obrigatória numa frase pelo facto de que o tempo é, de certa forma, relacionado com distinções aspetuais e informações contextuais (Liu 2015).

¹⁶ O Programa Minimalista “(...) makes reference to two layers of representation of aspect: Inner and outer aspectual phrases (corresponding to lexical and grammatical aspect respectively)” (Salaberry 2005, p. 185).

4.2. Marcadores aspetuais

Os marcadores aspetuais contribuem para a localização temporal em Mandarim em certos contextos, mas a função dos diferentes marcadores é, principalmente, de veicular diferentes valores aspetuais. Os marcadores aspetuais são os morfemas que não são ligados foneticamente às raízes verbais. Nesta subsecção, discutem-se as propriedades essenciais dos quatro marcadores em Mandarim: dois marcadores de perfetividade, *le* e *guo*; dois marcadores de imperfetividade, *zai* e *zhe*. No fim, analisa-se também o aspeto neutro.

4.2.1. Marcador perfetivo *le*

O marcador perfetivo *le*, ocorre posterior ao verbo, mas anterior ao seu complemento, funcionando como um sufixo do verbo. Vejam-se os exemplos 16a – d:

(16) a.

wo Zai putaoya zhule sannian.
eu Em Portugal morar-*le* três anos
'eu morei em Portugal por três anos.'

b.

ta kanle dianshi.
ele ver-*le* televisão
'ele vi televisão.'

c.

yundongyuan yingle bisai.
Atleta ganhar-*le* corrida
'O atleta ganhou a corrida.'

d.

Yuhean dale penti.
João bater-*le* espirro.
'O João espirrou.'

Como as frases nos indicam, o marcador *le* caracteriza-se pelo valor aspetual de perfetividade e pode ocorrer com diferentes predicados eventivos. De acordo com Smith (1991), o marcador *le* apresenta um evento simples com limites temporais, que se pode combinar com predicados dinâmicos (não estativos). Neste caso, o evento é geralmente considerado como uma situação *terminada* e um todo não analisado sem veicular qualquer informação sobre os seus constituintes temporais internos. No entanto, no caso de existir um RVC na frase, como *-wan*, 'acabar', trata-se já de uma situação *concluída* em vez de uma *terminada*. Vejam-se os seguintes exemplos 17a,b:

(17) a.

wo xiele yifeng xin, danshi mei xiewan. [terminado]
 eu escrever-*le* um-CN¹⁷ carta, mas não escrever-acabar
 ‘Eu escrevi uma carta, mas não acabei.’

b.

* W xiewanle yifeng xin, danshi mei xiewan. [concluído]
 o
 Eu escrever-acabar-*le* um-CN carta mas não escrever-acabar
 * ‘Eu acabei de escrever uma carta, mas não acabei.’

Quando o marcador *le* ocorre no fim de uma frase, funciona como um marcador perfeito, que expressa a relevância à situação atual e pode-se usar com predicados estativos (Li & Thompson 1981). Vejam-se as frases em 18a,b:

(18) a.

wo chile wufan le.
 eu comer-*le* almoço *le*
 ‘Eu almoçei.’

b.

ta shengbing le.
 ele doente *le*
 ‘Ele ficou doente.’

Em 18a, o primeiro marcador *le* pode ser interpretado como o evento *almoçar* ser uma situação que abrange o seu começo e a terminação e esta situação está localizada anteriormente ao tempo da enunciação, de acordo com as propriedades temporais deste marcador e os princípios pragmáticos referidos antes. No entanto, o segundo *le*, considerado como o marcador perfeito, denota “um estado atualmente relevante” (Li & Thompson 1981, p. 238), enquadrando a situação descrita pela frase no contexto específico do discurso. Assim, 18a pode implicar que não vou almoçar convosco, porque já almocei. Quando o marcador perfeito *le* ocorre com um estado, tal como em 18b, refere-se a uma ideia de mudança, ou seja, resulta no surgimento de um novo estado.

No entanto, verificam-se algumas restrições neste caso. O marcador perfeito normalmente ocorre apenas com estados episódicos, que descrevem propriedades transitórias dos indivíduos e quando se combina com estados estáveis, a interpretação necessita de um contexto adequado, como defende Liu (2015):

In marking such an inchoative state, the particle LE tends to co-occur with temporary, prone-to-change states (...). However, given a proper context (...), the use of LE may coerce an inchoative reading into the otherwise stable property, signalling a currently

¹⁷ CN: classificador nominal

relevant state, that is, a conceivable change of state contingent on a given context. (Liu 2015, p. 280)

4.2.2. Marcador experimental *guo*

O marcador *guo* apresenta uma situação fechada e denota que não se atinge mais ao seu estado final (Smith 1991). Geralmente pode-se usar o marcador *guo* com todas as classes aspetuais a referir uma experiência do Passado ocorrida anteriormente ao tempo da referência (Liu 2015). Em comparação com o marcador *le*, os eventos marcados por *guo* caracterizam-se pela descontinuidade¹⁸, o que significa que existe um intervalo entre o tempo da situação e o tempo de referência (neste caso, geralmente trata-se do tempo da enunciação). Esta característica torna-se mais notável se comparamos as frases em 19a,b:

(19) a.

wo qunian qule zhongguo, ranhou qule riben.
eu ano passado ir-*le* China, depois qu-*le* Japão
'Eu fui à China no ano passado e depois fui ao Japão.'

b.

* wo qunian quguo zhongguo, ranhou qule riben.
eu ano passado ir-*guo* China, depois qu-*le* Japão
* 'Eu fui à China no ano passado e depois fui ao Japão.'

Como se pode observar, devido à descontinuidade que caracteriza o marcador *guo*, não é possível estabelecer a relação anafórica.¹⁹ Ao contrário do marcador *le*, como em 19a, o intervalo que existe entre o tempo de referência (é o Presente em 19b) e o tempo da situação impede, temporalmente, que a situação marcada por *guo* sirva de um tempo de referência relativamente a outra situação, como *ir ao Japão*. Aliás, comparado com o marcador *le*, o marcador *guo* pode ter uma interpretação diferente. Vejam-se os exemplos 20a – c:

(20) a.

wo qunian qule zhongguo.
eu ano passado ir-*le* China
'Eu fui à China no ano passado.'

b.

wo qunian quguo zhongguo.
eu ano passado ir-*guo* China
'Eu fui à China no ano passado.'

¹⁸ Segundo Smith (1991), as situações télicas marcadas por *guo* apresentam “(...) transitory result states (...). In these cases, the notion of discontinuity has real force (...). Atelic situations (...) do not involve a change of state (...): there is no result, nor real discontinuity.” (Smith 1991, p. 267)

¹⁹ Precisa-se mais investigação em relação a este assunto.

c.

wo qunian quguole zhongguo.
 eu ano passado ir-*guo-le* China
 ‘Eu fui à China no ano passado.’

Tal como o marcador *le* na frase 20a, o marcador *guo* também localiza a situação anteriormente ao tempo de referência. No entanto, a frase 20b acentua uma experiência do Passado, implicando que o falante já não está na China no momento em que produz a frase, ao passo que a frase 20a pode ser interpretada como o falante ainda está na China no momento da fala. Assim, destaca-se que o marcador *guo* indica uma experiência passada, terminada e descontínua localizada no momento anterior ao tempo de referência.

No entanto, tanto o tempo de referência como o tempo da situação podem ser expressos de forma implícita numa frase marcada pelo marcador *guo*, o que significa que a experiência descontínua é capaz de ser no Passado recente ou remoto. Liu (2015) afirma que “sentences with –*guo* may present an indefinite situation that is unanchored temporally or a specific situation anchored in a time point” (Liu 2015, p. 281). Vejam-se os exemplos 21a – d:

(21) a.

maliya (cengjing) chiguo putaoyacai ma? [não específico]
 Maria (alguma vez) comer-*guo* comida portuguesa MI²⁰
 ‘Maria já comeu a comida portuguesa (alguma vez)?’

b.

* maliya (cengjing) chile putaoyacai ma? [não específico]
 Maria (alguma vez) comer-*le* comida portuguesa MI
 * ‘Maria já comeu a comida portuguesa (alguma vez)?’

c.

maliya chiguo zhe dao putaoyacai ma? [específico]
 Maria comer-*guo* este CN comida portuguesa MI
 ‘Maria já comeu este prato português?’

d.

maliya chiguo putaoyacai le ma? [ambiguidade]
 Maria comer-*guo* comida portuguesa *le* MI?
 ‘Maria já comeu a comida portuguesa?’

Em 21a, o marcador *guo* pode ocorrer com uma situação repetível, o que lhe permite obter uma leitura não específica. Neste caso, a frase parece mais natural se existem alguns

²⁰ MI: marcador de interrogação.

adjuntos adverbiais que se referem a um tempo indefinido do Passado como *alguma vez* e *antes*. Como se pode ver em 21b, o tal não acontece com o marcador *le*, na medida que pode apenas ocorrer com as situações específicas num tempo definido e específico. No entanto, há também possibilidade de se combinar o marcador *guo* com as situações específicas, mas nesse caso já obtém uma interpretação diferente, como em 21c. Em 21c, a pergunta, efetivamente, tenta saber se a Maria já comeu um certo prato português específico no momento definido (hoje à noite, por exemplo) em vez de saber se a Maria teve a experiência de comer a comida portuguesa ou não. A partir daí, pode-se verificar que a diferença entre “the temporally specific and nonspecific uses of –guo is not grammaticalized” (Liu 2015, p. 281): a leitura depende da natureza semântica dos complementos (o determinante *zhe*, ‘este’, em 21c), bem como o conhecimento contextual e pragmático.²¹ Perante tal, as frases com *-guo* podem ter duas leituras, caso não exista qualquer forma de marcação da especificidade temporal, como em 21d.

4.2.3. Marcador progressivo *Zai*

O marcador *zai* veicula o aspeto progressivo, concentrando-se no decurso dos eventos. Em Mandarim, o marcador *zai* ocorre sempre na posição anterior a um verbo. Vejam-se os exemplos 22a – d:

(22) a.

waimian zaixiayu.
fora *zai*-chover
‘Está a chover lá fora.’

b.

wo zaidu baozhi.
eu *zai*-ler jornal
‘Eu estou a ler jornais.’

c.

dannier zai kesou.
Daniel *zai*-tossir
‘O Daniel está a tossir.’

d.

* yundongyuan zaiying bisai.
atleta *zai*-ganhar corrida
* ‘O atleta está a ganhar a corrida.’

Como as frases ilustram, verifica-se que se usa o marcador *zai* a expressar um evento contínuo sem limites temporais. Liu (2015) afirma que o marcador *zai* apresenta um

²¹ Também se precisa mais investigação relativamente a este assunto.

intervalo interno de uma situação durativa e tem “the connotation of temporary engagement in a telic activity” (Liu 2015, p. 284), como em 22b. Aliás, este intervalo que o marcador *zai* denota não pode incluir um ponto final do evento e geralmente não é adequado internamente para os eventos não durativos (Smith 1991), o que significa que o marcador *zai* pode ocorrer com as culminações, como em 22c. No entanto, quando este marcador se combina com pontos, como em 22d, obtém, então, uma leitura iterativa.

4.2.4. Marcador durativo *Zhe*

O marcador *zhe*, que também é um marcador de imperfetividade, transforma um predicado num estado durativo, estável e contínuo sem referir o seu término. Vejam-se os exemplos 23a – c:

(23) a.

wo chuanzhe yijian chenshan.

eu vestir-*zhe* um-CN camisa

‘Eu estou vestido com uma camisa.’

b.

qiang shang guazhe yifu hua.

parede acima pendurar-*zhe* um-CN quadro

‘Um quadro está pendurado na parede.’

c.

ta zai chuang shang tangzhe.

ele na cama acima deitar-*zhe*

‘Ele está deitado na cama.’

O marcador *zhe*, como se pode observar em 23a–c, focaliza-se no estado resultativo dos eventos *vestir*, *pendurar* e *deitar*, expressando uma situação estável e contínua sem veicular qualquer informação sobre os seus limites temporais (Smith 1991). Esta propriedade torna-se até mais notável quando se trata de posição ou localização, como 23b e 23c.

Geralmente, o uso de *zhe* pode ser considerado como uma forma de acentuar um estado resultativo que “may last for a reasonable duration” (Liu 2015, p. 286). O marcador *zhe* pode ocorrer com todas as classes aspetuais, à exceção dos estados estáveis. O valor de imperfetividade que o marcador *zhe* veicula permite que este marcador ofereça um enquadramento temporal ou posicional a outro evento e quando se combina com um evento durativo sem limites temporais, é mais natural usar o marcador *zhe* e o marcador *zai* na mesma frase. Vejam-se os exemplos 24a – d:

(24) a.

tamen bici shenaizhe.

eles mutuamente amar-*zhe*

‘Eles amam-se um ao outro.’

b.

* wo zhidaozhe daan.

eu saber-*zhe* resposta

* ‘Eu sei a resposta.’

c.

wo tangzhe kan chu.

eu deitar-*zhe* ler livros

‘Eu leio livros deitado/ eu estou a ler livros deitado.’

d.

ta zai gongzuozhe

ele zai-trabalhar-*zhe*

‘Ele está a trabalhar.’

Tendo em consideração a função do marcador *zhe* na marcação de um estado resultativo, aplica-se *zhe* só aos predicados temporais e mudáveis, a que chamamos “stage-level predicates” (Smith 1991), como em 24a e é impossível ocorrer com os predicados permanentes e intrínsecos, ou seja, “individual-level predicates” (*idem*), como em 24b. Aliás, o valor aspetual do marcador *zhe* “has a backgrounding effect, ‘freezing’ a situation in progress or an ongoing state” (*idem*, p. 274) e assim em 24c, o evento *ler livros* está encaixado no contexto estabelecido pelo evento *sentar*, marcado por *zhe*. O marcador durativo *zhe* também pode ocorrer com o marcador progressivo *zai* na mesma frase. Em 24d, por um lado, o marcador *zai* marca o evento *trabalhar* como uma situação em progressão sem limites temporais; a ocorrência do marcador *zhe*, por outro lado, realça o estado resultativo e prolongado. Nesta linha de pensamento, conclui-se que os dois marcadores de imperfetividade são semanticamente semelhantes: o marcador *zhe* pode ocorrer em todas as frases marcadas por *zai* e não o contrário, o que implica que a relação semântica entre os dois marcadores é uma relação de implicação.

4.2.5. Aspeto neutro

Em Mandarim, os marcadores aspetuais são sintaticamente opcionais e as frases em que faltam os morfemas aspetuais têm o aspeto neutro. O valor que o aspeto neutro apresenta é caracterizado pela flexibilidade (Smith 1994): expressa-se tanto a leitura de perfetividade como a de imperfetividade, o que depende do contexto discursivo e das classes aspetuais.

Os predicados estativos normalmente ocorrem sempre com o aspeto neutro, veiculando o valor de imperfetividade. Vejam-se os exemplos 25a,b:

(25) a.

maliya hen Gaoxing.²²

Maria muito feliz

‘A Maria está muito feliz.’

b.

maliya Xihuan yuyanxue.

Maria Gostar linguística

‘A Maria gosta de linguística.’

Como se pode observar nas frases exemplificadas, o valor aspetual dos predicados estativos, semanticamente, é de imperfetividade. No entanto, os predicados eventivos também podem não combinar com nenhum marcador aspetual e articula-se a leitura de perfetividade ou de imperfetividade, uma vez que “(...) interpretations of sentences without an overt viewpoint morpheme (...) allow both open and closed readings and depend heavily on contextual support” (Smith 1994, p. 126), ou seja, baseia-se nos princípios pragmáticos que referimos atrás. Vejam-se os exemplos 26a,b:

(26) a.

ta jintian zaoshang likai, xiawu cai dao. [perfetividade]

ele hoje manhã sair, tarde apenas chegar

‘Ele saiu hoje de manhã e chegou apenas à tarde.’

b.

nageshihou wo zaoshang badian qichuang. [imperfetividade]

naquele tempo eu manhã oito horas levantar-me

‘Naquele tempo, eu levantava-me às oito de manhã.’

Estes exemplos mostram a flexibilidade das frases com o aspeto neutro: pode obter um valor aspetual de perfetividade, como em 26a ou uma leitura imperfeita, como em 26b. Ao contrário da estrutura temporal do aspeto neutro nos predicados estativos, o aspeto neutro dos predicados eventivos abrange o ponto inicial e um intervalo interno (Smith 1994), mas a interpretação precisa ainda varia de acordo com diferentes classes aspetuais, como Smith (1994) indica, “the temporal schema of an instantaneous event has no internal stages (...) If no explicit viewpoint morpheme appears in a non-stative sentence, the semantic information of the neutral viewpoint is automatically associated with the verb constellation” (Smith 1994, p. 129).

²² Geralmente, é obrigatório uma frase ter um verbo como núcleo gramatical. No entanto, no caso do Mandarim, bem como o Russo, é possível omitir o verbo de cópula nas frases copulativas.

4.3. Classificação do aspeto lexical em Mandarim

O aspeto lexical em Mandarim é definido pelas diferentes propriedades temporais [\pm dinâmico], [\pm télico] e [\pm durativo] e regra geral, também pode ser dividido em cinco categorias diferentes: estados, processos, processos culminados, culminações e pontos. No entanto, a classificação relativa a processos culminados e culminações têm sido discutida intensamente nas últimas décadas (Tai 1984; Smith 1991, 1994; Sybesma 1997, 1999; Hooi 2014).

Os estados são as situações homogêneas e não dinâmicas (como *xiang*, ‘parecer-se com’, *cunzai*, ‘existir’). Os estados típicos podem ocorrer com o advérbio de grau *hen* ‘muito’ sem qualquer verbo de cópula (Tai, 1984), como *ta hen shangxin*, ‘ele está muito triste’. Como já referimos, os estados normalmente aceitam o aspeto neutro e o marcador experimental *guo*, mas o marcador durativo *zhe* apenas se pode combinar com os estados epistémicos. Aliás, “in presence of an explicit independent bound” (Smith 1991, p. 293), é possível os estados ocorrerem com o marcador perfeitivo *le*, por exemplo, *wo bi ta dale wusui*, ‘eu tenho mais cinco anos que ele’.

Os processos são as situações durativas e atélicas (como *gongzuo*, ‘trabalhar’, *xue*, ‘estudar’) e “there is no one-single accomplishment verb in Chinese” (Tai 1984, p. 293). Neste sentido, são os RVC que representam processos culminados em Mandarim. Vejam-se os RVC em 27:

(27)

<i>ca-gan</i>	limpar+seco	‘secar’
<i>nong-huai</i>	fazer+avariar	‘estragar’
<i>shua-bai</i>	pintar+branco	‘embranquecer’

Um RVC é composto por dois elementos, a que chamamos V1 e V2 respetivamente. Como Li indica, “the V1 of an RVC is either a stative verb or a verb whose meaning has an activity meaning, and the V2 is either an adjective or an achievement verb” (Li 2007, p.20). Como se pode observar, existem só verbos em Mandarim que representam processos sem se referirem a um estado resultativo, como V1 em 27. Contudo, relativamente a processos culminados, os RVC, de facto, tendem para uma meta e representam, então, as situações tipicamente heterogêneas, durativas e atélicas, cuja realização completa só tem lugar quando a meta é atingida.

Os RVC que representam processos culminados podem combinar-se com o marcador *zai*, veiculando o aspeto progressivo. No entanto, há outro tipo de RVC que não podem ocorrer com o marcador progressivo e funcionam como culminações. Vejam-se os exemplos em 28:

(28)

<i>zhao-dao</i>	procurar-chegado	encontrar
<i>kan-jian</i>	olhar-aparecido	ver (algo)
<i>zuo-wan</i>	fazer-acabar	acabar

Em 28, os elementos como *dao*, ‘chegado’, *jian*, ‘aparecido’, e *wan*, ‘acabar’, designados como complementos frásicos (Chao 1968, p. 446) ou Ph-elementos (Ph) (Lu, Lipták, & Sybesma 2019, p. 285), são os elementos funcionais que indicam a situação descrita pelo verbo tem um ponto final definitivo sem veicularem o seu conteúdo lexical. No entanto, os Ph-elementos são diferentes dos elementos lexicais em 27, tal como *gan*, ‘seco’, *huai*, ‘avariar’, *bai*, ‘branco’, uma vez que estes elementos não apenas oferecem um ponto final, mas também são associados a um estado resultativo consequente. A este tipo de elementos chamamos R-elementos (R) (*ibidem*). Assim, os RVC podem ser classificados em dois tipos diferentes: RVC-R e RVC-Ph, que representam, respetivamente, processos culminados e culminações em Mandarim.

Além dos RVC-Ph, “other achievement verbs take the form of a simple verb in Chinese, of which the focus is the ending point of an event (...)” (Tai 1984, p. 293), como *si*, ‘morrer’, *ying*, ‘ganhar’, e *dao*, ‘chegar’. Representando culminações, estes verbos, tais como os RVC-Ph, não se podem combinar com o marcador progressivo *zai*.

Os pontos são as situações não durativas, como *kesou*, ‘tossir’, *qiaomen*, ‘bater à porta’, e na maioria dos casos, não permite ocorrer com o valor de imperfetividade nem com outras formas durativas. No entanto, quando se combinam com o marcador progressivo *zai*, obtém a leitura iterativa.

5. Comparação

Com base na análise descritiva elaborada antes, faz-se, nesta seção, uma comparação entre os sistemas temporo-aspetuais do PE e do Mandarim, que se concentra nas seguintes questões:

- a) processos principais na localização temporal
- b) expressão do Passado, do Presente e do Futuro
- c) diferentes valores gramaticais
- d) relação entre o aspeto gramatical e valores aspetuais

Quanto aos processos linguísticos principais na localização temporal, destaca-se que o Mandarim não tem tempo verbal gramaticalizado, recorrendo, na maioria dos casos, às formas lexicais e aos princípios pragmáticos. Contudo, os adjuntos adverbiais podem localizar temporalmente situações em ambas línguas, como se ilustra na Tabela 2:

Português Europeu	Mandarim
Tempo verbalizado pelo autor	
Tempos verbais	Informação lexical
Verbos (semi)auxiliares	Princípios pragmáticos
Adjuntos adverbiais	

Mais precisamente, apresentam-se, na Tabela 3, os diferentes meios a que o PE e o Mandarim recorrem relativamente à expressão do Passado, do Presente e do Futuro. Importa salientar que não são considerados os princípios pragmáticos:

Tabela 3. Expressão do Passado, do Presente e do Futuro

	Português Europeu	Mandarim
Passado	Pretérito perfeito simples	Marcador <i>le</i>
	Pretérito imperfeito	Marcador <i>guo</i>
	Pretérito mais-que-perfeito ²³	RVC
	Presente do indicativo	Advérbio de negação <i>mei</i>
	Condicional	Adjuntos adverbiais temporais
Presente	Presente do indicativo	Marcador <i>zai</i>
	Adjuntos adverbiais temporais	Marcador <i>zhe</i>
		Aspeto neutro \emptyset
Futuro	Futuro do indicativo	Verbos modais
	Presente do indicativo	Verbos projetados para o Futuro
	Construções perifrásticas	Advérbios de negação <i>bu</i>
	Adjuntos adverbiais temporais	Adjuntos adverbiais temporais

Na Tabela 4, apresentam-se as diferentes formas que veiculam diferentes valores aspetuais em PT e em Mandarim:

Tabela 4. Formas e valores aspetuais

Valores aspetuais	Português Europeu	Mandarim
Perfetivo	Pretérito perfeito simples	Marcador <i>le</i>
	Pretérito mais-que-perfeito	Marcador <i>guo</i>
		RVC
		Reduplicação tentativa ²⁴
Imperfeito	Pretérito imperfeito	Marcador <i>zai</i>
	Presente do indicativo	Marcador <i>zhe</i>
		Aspeto neutro \emptyset
Progressivo	Construção perifrástica	Marcador <i>zai</i>
Habitual	Presente do indicativo	Aspeto neutro \emptyset
	Pretérito imperfeito	Adjuntos adverbiais
	Construção perifrástica	
Iterativo	Pretérito perfeito composto	Adjuntos adverbiais
	Adjuntos adverbiais	
Contínuo/durativo	Presente do indicativo	Marcador <i>zhe</i>
	Pretérito imperfeito	Adjuntos adverbiais
	Construção perifrástica	
	Adjuntos adverbiais	

Fonte: elaborado pelo autor

²³ O pretérito mais-que-perfeito, o futuro do indicativo e o condicional, sem qualquer indicação específica, referem-se às duas formas (simples e composta).

²⁴ *Vd.* Smith (1991).

Os tipos de situações, tanto em PE como em Mandarim, são estados, processos, processos culminados, culminações e pontos e estas classes aspetuais apresentam as mesmas propriedades temporais internas nas duas línguas. No entanto, quando se combinam com diferentes valores aspetuais, destacam-se diferentes relações, como se ilustra na Tabela 5:

Tabela 5. Relação entre o aspeto lexical e valores aspetuais

Classes aspetuais	Português Europeu			Mandarim			
	Perfetividade	Imperfetividade	Progressivo	Perfetividade	Imperfetividade	Progressivo	
	PPS	PI	P	“estar a” <i>le guo</i>	<i>zhe</i>	<i>zai</i>	
Estados	✓	?	✓	Estados faseáveis X ²⁵	✓	Estados episódicos	X
Processos	✓	?	✓	✓	✓	✓	✓
Processos culminados	✓	?	?	✓	✓	✓	✓
Culminações	✓	?	?	✓	✓	✓	X
Pontos	✓	?	?	Iteratividade	✓	✓	Iteratividade

Nota. P = presente do indicativo; ✓ = aceitável; ? = aceitável com algumas condições; X = não aceitável.

Fonte: elaborado pelo autor

6. Conclusão

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise comparativa em relação aos sistemas temporo-aspetuais do PE e do Mandarim, focalizando essencialmente nas seguintes questões: expressão do tempo linguístico, formas e propriedades dos diferentes valores aspetuais e relações internas entre as classes aspetuais básicas e valores aspetuais.

Em face do exposto, podemos concluir que as principais diferenças e semelhanças entre o sistema temporo-aspetual do PE e do Mandarim são os que a seguir se enunciam:

Quanto à localização temporal, o PE recorre frequentemente a tempos verbais e também depende das construções, adverbiais de localização temporal, ao passo que o Mandarim não tem tempo verbal gramaticalizado e portanto, serve-se, na maioria dos casos, de informação lexical ou contextual, como adjuntos adverbiais, marcadores aspetuais, verbos modais e princípios pragmáticos.

Neste sentido, destaca-se que os tempos verbais em PE e os marcadores aspetuais em Mandarim parecem ter as funções semelhantes: alguns tempos verbais em PE podem fazer localização temporal e também podem funcionar como operadores aspetuais. Por seu turno, os marcadores aspetuais do Mandarim não apenas veiculam diferentes valores aspetuais, mas também favorecem uma determinada localização temporal em certas circunstâncias.

Relativamente ao aspeto gramatical, os diferentes valores aspetuais apresentam algum paralelismo, mas as formas que veiculam esses valores aspetuais divergem-se

²⁵ Como já referimos antes, quando *le* ocorre no fim de uma frase, torna-se no *marcador perfeito* e neste caso, pode combinar-se com estados.

bastante nas duas línguas. Em PE, salientam-se essencialmente alguns tempos verbais e verbos de operação aspetual, mas no caso do Mandarim, são veiculados, entre outros, marcadores aspetuais e adjuntos adverbiais. Quanto ao aspeto lexical, o PE e o Mandarim parecem apresentar algumas classes semelhantes. No entanto, quando se fala de processos culminados e culminações, existem algumas diferenças notáveis entre as duas línguas. Por exemplo, os processos culminados em PE, quando estão modificados por um adjunto adverbial de duração, implicam apenas o seu processo preparatório prévio à culminação. Contudo, os processos culminados em Mandarim não podem ocorrer com um adjunto adverbial deste género. No que se refere às culminações, é possível se aplicar o aspeto progressivo às culminações em PE, mas isso é completamente não aceitável em Mandarim.

Apesar de existirem várias diferenças entre os dois sistemas temporo-aspetuais, a utilização de adjuntos adverbiais, classe muito rica que todas as línguas apresentam (Klein 2009), pode ser um processo linguístico que nos permite estabelecer uma ligação entre estas duas línguas tipologicamente afastas, o que, do ponto de vista da aquisição de língua segunda, também pode beneficiar a aprendizagem/aquisição dos tempos verbais do PE, bem como dos marcadores aspetuais do Mandarim (Yang 2019; Oliveira, Silva, & Yang no prelo).

Agradecimentos: Agradeço à Professora Doutora Fátima Oliveira e à Professora Doutora Fátima Silva pelos valiosos comentários e pela discussão de alguns problemas que me foram surgindo.

Referências

- Apothéloz, D., & Nowakowska, M. (2010). La résultativité et la valeur de parfait en français et en polonais. In E. Moline & C. Veters (Eds.), *Temps, aspect et modalité en français* (pp. 1–23). Amsterdam: Rodopi.
- Ayoun, D. (2013). *The second language acquisition of French tense, aspect, mood and modality*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Ayoun, D., & Salaberry, R. (2008). Acquisition of English tense-aspect morphology by advanced French instructed learners. *Language Learning*, 58(3), 555–595. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2008.00450.x>
- Chao, Y.R. (1968). *A Grammar of spoken Chinese*. Berkeley: University of California Press.
- Comrie, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Comrie, B. (1985). *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa Campos, M. H., & Xavier, M. F. (1991). *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cunha, L. F. (2004). *Semântica das Predicações Estativas. Para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. (2013). Aspeto. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 585–603). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Erbaugh, M., & Smith, C. (2005). Temporal interpretation in Mandarin Chinese. *Linguistics*, 43(4), 713–756. <https://doi.org/10.1515/ling.2005.43.4.713>
- Giorgi, A., & Pianesi, F. (1997). *Tense and aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J. L. Morgan (Eds.), *Speech acts* (pp. 41–58). New York: Academic Press.
- Hooi, L. S. (2014). Aspect. In J. Huang *et al.* (Eds.), *The handbook of Chinese linguistics* (pp. 126–150). Oxford: Wiley Blackwell.

- Ilari, R. & Oliveira, F., & Basso, R.M. (2016). Tense and aspect: A survey. In W. L. Wetzels & J. Costa & S. Menuzzi (Eds.), *The handbook of Portuguese linguistics* (pp. 392–408). Indianapolis: Wiley Blackwell.
- Klein, W., & Ping, L. (2009). *The expression of time*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Li, C. (2007). *Mandarin resultative verb compounds: Where syntax, semantics and pragmatics meet* (Tese de doutoramento, Yale University, New Haven).
- Li, C., & Thompson, S. A. (1981). *Mandarin Chinese: A functional reference grammar*. Berkeley: University of California Press.
- Liu, M. (2015). Tense and aspect in Mandarin Chinese. In W. S-Y. Wang & C. Sun (Eds.), *The Oxford Handbook of Chinese Linguistics* (pp. 274–289). Oxford: Oxford University Press.
- Levinson, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lu, M., Lipták, A., & Sybesma, R. (2019). A structural account of the difference between achievements and accomplishments: Evidence from Changsha Xiang Chinese. *Journal of East Asian Linguistics*, 28(3), 279–306. <https://doi.org/10.1007/s10831-019-09196-2>
- Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moens, M. (1987). *Tense, aspect, and temporal reference* (Tese de doutoramento, University of Edinburgh, Edinburgh).
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspeto. In M. H. Mateus *et al.*, *Gramática da língua portuguesa* (6.^a ed. rev. e aum., pp. 127–153). Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 509–547). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F., & Lopes, A. (1995). Tense and aspect in Portuguese. In R. Thieroff (Ed.), *Tense system in European languages* (Vol. 2, pp. 95–115). Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Oliveira, F., & Silva, F. (2019). O uso do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito do indicativo em português europeu por estudantes com cantonês como L1. *Studia Iberyystyczne*, 18, 127–153. <https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.31>
- Oliveira, F., Silva, F., & Yang, A. (no prelo). A distinção entre pretérito imperfeito (PI) e pretérito perfeito (PPS) em Português Europeu (PE) por estudantes de nível B2 com L1 Cantonês. *Atas do Congresso Internacional Macau e a Língua Portuguesa: Novas Pontes a Oriente*.
- Raposo, E. (2013). Verbos auxiliares. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 2, pp. 1268–1269). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reichenbach, H. (1947). *Elements of symbolic logic*. New York: The Free Press; London: Collier-Macmillan.
- Rojo, G., & Veiga, A. (1999). El tiempo verbal. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 2, pp. 2867–2935). Madrid: Real Academia Española.
- Salaberry, R. (2005). Evidence for transfer of knowledge of aspect from L2 Spanish to L2 Portuguese. In D. Ayoun & R. Salaberry (Eds.), *Tense and aspect in romance languages* (pp. 179–210). Amsterdam: John Benjamin Publishing Company.
- Schell, K. (2000). *Functional categories and the acquisition of aspect in L2 Spanish: A longitudinal study* (Dissertação de doutoramento, University of Washington, Washington).
- Smith, C. (1991). *The parameter of aspect*. London: Kluwer Academic. <https://doi.org/10.1111/modl.12216>
- Smith, C. (1994). Aspectual viewpoint and situation type in Mandarin Chinese. *Journal of East Asian Linguistics*, 3(2), 107–146.
- Smith, C. (2003). *Modes of discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Squartini, M. (1995). Tense and aspect in Italian. In R. Thieroff (Ed.), *Tense system in European languages* (vol. 2, pp. 117–134). Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Sun, C. (2006). *Chinese: A Linguistic Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sybesma, R. (1997). Why Chinese verb -le is a resultative predicate. *Journal of East-Asian Linguistics*, 6(3), 215–261.
- Tai, J. H-Y. (1984). Verbs and times in Chinese: Vendler's four categories. In D. Testen, V. Mishra & J. Drogo (Eds.) *Papers from the Parasession on Lexical Semantics* (pp. 289–296). Chicago: Chicago Linguistic Society

- Vendler, Z. (1957). Verbs and times. *The Philosophical Review*, 66(2), 143–160.
<http://doi.org/10.2307/2182371>
- Yang, A. (2019). *Uso do pretérito perfeito simples e do pretérito imperfeito em português europeu por estudantes de português chineses com L1 cantonês* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto).
- Yang, J. (2002). *The acquisition of temporality by adult second language learners of Chinese* (Tese de doutoramento, University of Arizona, Tucson).

[recebido em 27 de fevereiro de 2020 e aceite para publicação em 18 de maio de 2020]